

Porto Velho, sexta-feira, 25 de agosto de 2000

DIÁRIO DA
AMAZÔNIA

Advogados defendem tese de negativa de autoria

Inquérito falho é maior arma no julgamento de Cícero e Claudemir

A tese de defesa dos trabalhadores rurais Cícero Pereira Leite, 43 anos, e Claudemir Gilberto Ramos, 27 anos, que hoje serão julgados pela participação no massacre de Corumbiara, é a de negativa de autoria. "Eles não contribuíram para nenhum dos crimes pelos quais são acusados. Não incentivaram a polícia na prática de tortura e nem mantiveram pessoas em cárcere privado", disse ontem um dos advogados, Alexandre Oliveira.

Os dois serão julgados por homicídio (contra os policiais Ronaldo de Souza e Ruben Fidélis), desobediência e resistência, formação de quadrilha, constrangimento ilegal e cárcere privado, pesando quatro artigos do Código Penal - 121, 148, 288 e 329.

Alexandre, Raul Fonseca e George Tavares não quiseram detalhar a estratégia de defesa. Tavares, criminalista que trabalhou com o renomado Evaristo de Moraes até a morte deste, reuniu-se durante quase toda a manhã de ontem com Cícero e Claudemir, instruindo-os sobre o julgamento hoje.

"Não há provas nos autos de que eles tenham contribu-

ído para a consumação de qualquer um dos crimes em que são acusados", reforçou Raul Fonseca.

A tese dos acusadores de que eles seriam líderes das quase duas mil pessoas na fazenda Santa Elina, na madrugada de 9 de agosto, e por isso incentivaram o confronto, não tem sustentação. "Sendo assim, o comandante-geral da PM também é líder, e ele sim deveria estar no banco dos réus", diz Fonseca.

Ele lembrou, ainda, que nos autos está demonstrado, por meio de prova pericial, que nenhuma das armas apreendidas com os sem-terra foi identificada como as que mataram os policiais militares Ronaldo de Souza e Ruben Fidélis.

Os advogados arrolaram dez testemunhas, mas não revelaram quais seriam levadas ao julgamento hoje. "Decidiremos na hora detalhes da defesa", diz Fonseca.

Cem mil balas

Há um mês estudando o processo de 27 volumes, o advogado Alexandre Oliveira diz que seria impossível identificar a cápsula da bala que matou, na época, a menina Vanessa Santos, de 7 anos. "Estima-se que foram disparadas cerca de cem mil balas por parte de PMs e pistoleiros", diz Alexandre.

Ele conta que um lavrador reconheceu um jagunço, in-

J. Gomes



Alexandre, Raul, Claudemir, advogado George Tavares e Cícero (esq.)

filtrado no meio dos policiais militares, com capuz na cabeça. "Quando o lavrador passou por ele, viu quando

este moço tirou o capuz para beber água e então o lavrador o reconheceu como sendo um jagunço da região".